

Roriz amplia Materno-Infantil

Novo bloco do Hmib, inaugurado pelo governador, pode tornar hospital uma referência nacional

Sheyla Leal

O Hospital Materno-Infantil de Brasília (Hmib) ganhou um novo bloco de atendimento e UTI para bebês. O complexo foi inaugurado ontem, com a presença do governador Joaquim Roriz, do ex-senador e ex-ministro da Saúde, Jarbas Passarinho, e do secretário de Saúde, Jofran Frejat. Os 3.302 metros quadrados de área construída abrigam 19 leitos pré-parto, parto e pós-parto, sendo oito deles para pacientes de alto risco, seis leitos de observação, quatro salas cirúrgicas e área administrativa.

A nova UTI neonatal vai ampliar a capacidade de atendimento de 22 para 44 leitos. Desses, 16 são para ventilação mecânica, 16 para cuidados semi-intensivo e 12 de médio risco, além de uma sala de assistência e de identificação do recém-nascido. Entusiasmado com os aparelhos de última geração que equipam o hospital, o ex-ministro Jarbas Passarinho disse que "agora Brasília tem duas referências na área médica: o Hospital Sarah Kubitschek e o Hmib".

A construção, iniciada em 1997, durou quase três anos. O investimento foi grande. Foram gastos R\$ 2,3 milhões para a construção do prédio e outros R\$ 358,9 mil em iluminação externa, instalação de quadro de distribuição elétrica e gerador de emergência, somando de R\$ 2.681.713,42. As verbas foram obtidas do governo federal, por meio de emenda coletiva da bancada do Distrito Federal ao Orçamento da União, no Congresso Nacional.

Enquanto a Secretaria de

Saúde comemora a ampliação da capacidade de atendimento do Hmib, o Sindicato dos Médicos se preocupa com a falta de profissionais para atender a crescente demanda de pacientes que será ocasionada com o aumento das instalações físicas. "Em termos de aparelhagem o Hmib está em ótimas condições, mas o atendimento médico vai piorar", prevê o presidente do Sindicato dos Médicos, Arnaldo Bernardino Alves.

Alves diz que a Secretaria de Saúde convenceu o Governo federal a autorizar a realização de concurso público, finalizado em novembro do ano passado, para o preenchimento de 500 novas vagas. Um dos argumentos seria a necessidade de contratação de mais médicos para o complexo do HMIB. A promessa, segundo Alves, é que 30 ginecologistas seriam locados para trabalhar no HMIB, mas até agora só sete foram nomeados. As vagas foram preenchidas por médicos que trabalham na Fundação Hospitalar e os contratados foram para hospitais na periferia.

Para complicar a situação, houve uma troca de cadeiras entre os seis médicos que trabalhavam na unidade de obstetrícia. O contrato especial de cinco deles chegou ao fim. O sexto foi deslocado para Sobradinho. "Os novos contratados só conseguiram diminuir o número de horas-extras dos plantonistas, de 1200 para 150. Saíram seis médicos que trabalhavam 20 horas semanais e entraram sete com carga horária de 40 horas", afirma Alves.



Roriz, entre o ex-senador Jarbas Passarinho e Jofran Frejat, na nova UTI neonatal, cuja capacidade passou de 22 para 44 leitos

O secretário de Saúde, Jofran Frejat, afirma que 33 médicos foram contratados para atuar no bloco materno-infantil e na UTI neonatal. Foram oito ginecologistas, 17 intensivistas neonatal, quatro cirurgiões pediátricos, um médico citologista, um médico da medicina do trabalho, um patologista clínico, um psiquiatra e um intensivista adulto. Além de 14 enfermeiros, 56 auxiliares de enfermagem, um técnico em radiologia e nove agentes administrativos.

Frejat argumenta que há um médico escalado para trabalhar a cada seis horas. Como são realizados 25 partos por dia, cada médico fica responsável por um parto por dia. E acrescenta que há outros três médicos só para atendimentos de alto risco. "Como o sindicato diz que falta médicos?", pergunta o secretário de Saúde. E prossegue. "Conseguimos reduzir as horas-extras. Estranho muito que o Sindicato esteja brigando por horas-extras".

O diretor-executivo da

Secretaria de Saúde, Paulo Kalume, explica que o número de plantonistas de cada hospital é determinado pelo número de atendimentos. Tanto o Hospital Regional de Ceilândia e o do Gama realizam aproximadamente mil partos, o que representa na tabela seis plantonistas. O Hospital de Planaltina e o Hospital Regional da Asa Norte têm três plantonistas cada, com uma média de 400 partos por mês. O Hmib, segundo Kalume, faz 650 partos por mês. Para atender a esse contingente, a

necessidade seria de quatro plantonistas, número que o hospital dispõe.

Kalume afirma que um quinto plantonista será colocado se for necessário. "O Sindicato está reivindicando mais plantonistas. Vamos observar o funcionamento da nova unidade. Se for constatada a necessidade de um quinto plantonista, ele será deslocado de outra região para cá", assegura.

ELIANE MACHADO
Repórter do Jornal de Brasília